

## *Introdução à maritimidade capixaba contemporânea*

JEAN-LOUIS BOUDOU  
Universidade Federal do Espírito Santo

O menor dos grãos de areia também faz parte da praia”.  
— DITO POPULAR BRASILEIRO

“Eu não procuro; encontro”.  
— PABLO PICASSO

(A busca febril torna impossível um encontro feliz)

### Considerações Preliminares:

#### A) LITORALIZAÇÃO DA HUMANIDADE

**O**S PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS QUE MARCARAM profundamente a história da humanidade durante o século XX podem ser sintetizados em três expressões: “explosão demográfica”, “urbanização galopante”, ou “êxodo rural”, e “corrida para o mar”. Nunca, antes, a população do nosso pequeno planeta cresceu tão rapidamente; nunca se transferiu tão maciçamente dos campos para as cidades; nunca se aglutinou tanto à beira-mar.

Ocupando hoje cerca de 71% da superfície do planeta (“Terra!”), berço da vida, principal fonte de dois elementos indispensáveis à manutenção da vida (oxigênio

e água), os mares e os oceanos presenciaram ao longo dos últimos cem anos um hipotético “Retorno” para o mar: depois de se manifestar pela primeira vez nas águas (rasas, tépidas e salgadas) da faixa intertropical, a “vida” proliferou, diversificou-se, conquistou os ambientes líquidos, anfíbios, emersos e finalmente aéreos e, “cansada” e “decepcionada”, estaria voltando para suas origens. Esse fenômeno é particularmente observável no que diz respeito à “vida humana”: atividades, ociosidades, residência, especulação fundiária/ imobiliária se intensificam a um ritmo acelerado e hoje podemos falar de uma verdadeira litoralização da humanidade.

Entretanto, esse violento adensamento populacional, cada vez mais caótico, provoca uma série de impactos (físicos, bióticos e antrópicos) e perturba profundamente as relações complexas que se estabeleceram entre a sociedade e a “natureza”, entre os vários segmentos que compõem essa sociedade e entre o ser humano e a esfera “espiritual/ mental”. Podemos observar que, enquanto se usa tanto a palavra “globalização” em vez de mundialização ou de planetarização ou de cosmopolitização (o que não tem absolutamente nada de novo!), pouquíssimos discursos adotam o vocábulo litoralização, embora seja uma das principais características geográficas da nossa época. Por que será?

#### B) MARITIMIZAÇÃO DAS MENTALIDADES

A ABORDAGEM GEOGRÁFICA DA “MARITIMIDADE” é uma meditação/ reflexão não sobre as atividades humanas diretamente induzidas pelo meio marítimo (produções – transportes – lazeres, etc.), mas sobre a diversidade, a evolução e as mutações recentes *no jeito de perceber o mar, o estirâncio e a costa*.

Analisando a sensibilidade ao ambiente litorâneo a partir dos condicionantes físicos e bióticos, buscam-se, prioritariamente, o social, o cultural, o identitário, ou, sintetizando, o Homem. Tenta-se acompanhar a evolução do comportamento dos vários segmentos da coletividade litorânea/ribeirinha; a evolução da percepção do relacionamento homens-ambientes físicos/ bióticos; a evolução da percepção do relacionamento das pessoas ou grupo de pessoas entre si; evolução do significado da presença/ausência de objetos, pessoas, atividades; evolução dos processos de adaptação (simbiose – cooperação – competição, etc.). Em outras palavras, trata-se de um convite para uma reflexão sobre as construções sociais e culturais que foram edificadas por grupos humanos para organizar suas relações (reais, concretas, ativas) com o mar; para proteger-se do mar; para socializá-lo; para balizá-lo; para tomar consciência da sua existência e das possibilidades de desenvolvimento que oferece; para amar o mar.

Não se trata de “saber” (erudição – enciclopedismo – exibicionismo – pedantismo – arrogância), mas de “compreender” qual a significação da maritimidade no início do século XXI. Essa conscientização/ lucidez é ao mesmo tempo sinal e senha e pode fornecer a chave para o conhecimento da formação, da conformação e da transformação do espaço litorâneo.

Ao lado dos outros numerosos especialistas das “Ciências do Homem” (cf. *Geografia física: ciência humana?*, de Francisco Mendonça), o geógrafo oferece sua contribuição abordando sinteticamente a vivência do marítimo (“espaço vivido”), a sua percepção, as suas representações, as suas imagens, os seus prazeres e medos, as esperanças e as preocupações, os recursos e os riscos, as necessidades e as angústias, etc., correlacionando intimamente as considerações físicas, bióticas e culturais num quadro dinâmico.

“País de dimensões continentais” incontestavelmente, com 8.500.000 km<sup>2</sup>, o Brasil possui um vasto território, mas, inegavelmente, o Brasil é, antes de mais nada, um *país atlântico*; ele o foi no passado, o é hoje e o será mais ainda no futuro. Frei Vicente de Salvador equipara os portugueses aos “caranguejos” por se contentarem em arranhar o litoral. O fracasso das várias políticas nacionais de “interiorização” da população e das atividades econômicas (Brasília – Zona Franca de Manaus, por exemplo) se traduz pelo fato de que mais de 50% da população brasileira vive a menos de 100km do mar. Entretanto, os escassos capítulos de geografia (física, humana ou econômica) dedicados às zonas litorâneas desapareceram de nossos livros didáticos. Por que será?

#### C) FAIXA LITORÂNEA CAPIXABA?

##### - *Uma identidade/ personalidade*

O LITORAL (OU FAIXA LITORÂNEA OU ZONA COSTEIRA) é o território que vive em simbiose direta com o mar costeiro. Simbiose sendo uma associação entre dois organismos na qual ambos recebem benefícios.

O litoral é “a contigüidade entre duas periferias”: o fim da terra e o início do mar, mas também o fim do mar e o início da terra!

O litoral é a “interface” entre hidrosfera, litosfera e atmosfera, mas é, sobretudo, a estreita nesga onde se trava em cada instante o diálogo terra-mar e onde podemos observar o Homem *frente* ao Mar, o Homem *de costas* para o Mar e o Homem *junto* ao Mar.

Numa tentativa de “geografia retrospectiva”, é preciso analisar o papel do Oceano Atlântico Sul na saga capixaba, pré-cabralina e pós-cabralina.



Incontestavelmente, a faixa litorânea capixaba é uma “entidade geográfica” cuja delimitação é extremamente delicada, mas cuja identificação e caracterização são perfeitamente populares. Desde sempre existe a oposição entre o litoral e o sertão. As populações indígenas sempre fizeram questão de opor a superioridade do *tupi-guarani* litorâneo sobre o desprezível *tapuia* interiorano. Ainda hoje o matuto do interior é conhecido como caipira, enquanto seu equivalente na praia é designado pelo vocábulo de maratimba/caiçara. A população “praieira” é ainda hoje considerada pelas donas de casa capixabas como indolente, inerte, subserviente, preguiçosa, irresponsável, desconfiável, enquanto a população interiorana é forte, empreendedora, dominadora, responsável, confiável. Melhor do que uma técnica, a sabedoria popular, fundamentada na experiência, no faro, na intuição, identifica, sem nenhuma hesitação, uma cultura marítima, uma mentalidade marítima, uma consciência costeira. Nem é necessário tocar no tema dos etnoconhecimentos, que vergonhosamente continuam, quase que totalmente, desprestigiados, apesar de sua reconhecida superioridade! Como qualquer outra zona costeira, a faixa litorânea capixaba é, por excelência, o tipo de espaço dotado de alta peculiaridade e de numerosas especificidades nas formas de uso e de ocupação do solo: um espaço específico unindo terra e mar numa simbiose dinâmica e ativa. Um espaço onde se percebe um conjunto de relações, de inter-relações, de correlações entre o “Atlântico Sul” e uma “população”. Um espaço indissociável do mar por causa de uma população dele indissociável. O espaço de uma familiaridade com o mar, de profunda e antiga intimidade e cumplicidade com ele. Um fenômeno de vizinhança, de proximidade, de solidariedade. As rendas são oriundas direta ou indiretamente do oceano; a razão de ser origina-se do mar; o “viver do mar” é um conjunto de saberes originais, de hábitos, de reflexos, de mentalidades.

- *Um fato*

O Centro de Gravidade Demográfica da população capixaba não indígena se fixou há vários decênios à beira-mar. Originalmente, ele se localizou na área hoje incluindo a Prainha e a Glória, em Vila Velha, mas não demorou a se interiorizar rumo ao sudeste, num primeiro tempo, e, em seguida, rumo ao norte; mas já voltou para a Região Metropolitana de Vitória, portanto em área litorânea.

Podemos observar que se trata de densidades demográficas absolutas (isto é, referentes ao espaço total) e que a situação seria mais clara ainda se tivéssemos condições de trabalhar com densidades demográficas relativas (as únicas autenticamente geográficas), ou seja, com relação entre a população total e o espaço “aproveitado” ou com o espaço “aproveitável”.

- *Um desafio*: a delimitação (em terra e no mar)

Com aproximadamente 400 km de praias, contra uma extensão leste-oeste máxima de 120 km, o Espírito Santo é essencialmente marítimo. Uma fachada atlântica. O seu passado, o seu presente e sobretudo o seu futuro são intimamente relacionados com o Atlântico Sul. A proximidade do mar e da terra faz do espaço capixaba localizado à beira-mar um espaço “natural” precioso e frágil do ponto de vista ecológico, social e cultural, mas também faz dele o suporte de numerosas atividades específicas costeiras/litorâneas. A faixa costeira não é apenas a área em que se faz sentir a ação direta ou indireta do mar, mas também o conjunto de áreas cujas atividades incidam sobre a costa, vindo a comprometer a vida litorânea e marinha.

EVOLUÇÃO DO CENTRO  
DE GRAVIDADE DEMOGRÁFICA  
DO ES ATÉ 1980



A definição do litoral constitui um exercício difícil, mas estimulador e apaixonante pela sua aparência diversa, complexa e, sobretudo, instável em curto, médio e longo prazo. Áreas imprecisas, indefinidas, territórios efêmeros, domínios do transitório, do provisório, o litoral é para o geógrafo um fato areolar mais que linear.

Globalmente, o litoral é uma zona de transição, de interpenetração, de interface, cujos limites são arbitrários e contestáveis, resultados de uma escolha, de uma opção e que variam em função dessa escolha, do tema, do objetivo.

O litoral capixaba tem como limite ocidental uma linha imaginária que serpenteia paralela à praia até onde se faz sentir a influência direta e/ou indireta do oceano Atlântico Sul, principalmente pelos cursos inferiores de vários córregos, a uma distância não uniforme, que pode variar de umas centenas de metros até algumas dezenas de km.

O limite oriental é uma outra linha imaginária que também serpenteia paralela à praia, na parte da Plataforma Continental profundamente marcada pelas recentes flutuações do nível do mar e que corresponde à batimetria/profundidade de dez metros, a uma distância que pode alcançar umas dezenas de km.

### I – Caracterização

O LITORAL É CONSTITUÍDO PELO ESTIRÂNCIO e suas duas zonas adjacentes que “sofrem” a influência direta e/ou indireta dos processos marinhos, bem como dos continentais. Melhor seria dizer uma combinação de influências múltiplas, no tempo e no espaço; influências positivas e negativas, cujos efeitos podem ser diretos, bem como indiretos (fisiológicos, psicológicos, econômicos, sociais, culturais) mas, sobretudo, que influenciam sua estrutura e suas peculiaridades espaciais, e condicionam sua ocupação e sua utilização.

Área duplamente periférica, o litoral é modelado por fatores praticamente imutáveis, no tempo e no espaço, e por fatores alteráveis; por fatores seja impulsores e estimuladores que funcionam como excitantes ou como atrativos, seja limitantes ou repulsivos ou até mesmo inibidores, mas sempre de grande relevância na compreensão dos mecanismos de produção do espaço litorâneo.

Considerando como superadas as épocas do determinismo, do possibilismo e do probabilismo, vamos nos dedicar exclusivamente à interpretação da *significação* das características físicas, bióticas e antrópicas na problemática do uso e da ocupação do solo no espaço costeiro capixaba. Trata-se de analisar as



consequências, as influências e os condicionamentos dessa “tonalidade” oceânica, desse “saber” atlântico, num território tropical, refletindo em sua climatologia, nas formas do relevo, na cobertura vegetal, no tipo de solo, na produção em geral, nas múltiplas atividades, enfim, todas as implicações dessa tropicalidade. No meio físico assim como no meio vivo, há forças limitadoras e forças coercitivas coexistentes com forças adstringentes que favorecem, limitam e orientam a existência dos grupos humanos e o exercício de determinadas atividades. Uma leitura atenta e uma interpretação das características da faixa costeira capixaba levam à formulação de vocações imediatamente submetidas ao crivo das aptidões (limitações, restrições, sujeições, exigências, implicações, tolerância, contra-indicações) para se poder chegar às medidas mitigadoras dos impactos que não podem ser totalmente eliminados.

Lembremos finalmente que o levantamento/inventário das características da área não deve/ pode levar a uma explosão de ufanismo imbecil (o maior do/ o melhor/ o primeiro/ o terceiro maior da/ rara beleza), mas a uma tomada de consciência definitiva, em dois níveis:

- possuir uma vocação/ aptidão/ predisposição/ recurso (ou um elemento) não deve ser considerado como um privilégio, mas como uma dupla RESPONSABILIDADE: social e ambiental.

- tudo é relativo.

#### 1º LOCALIZAÇÃO

##### *a) Absoluta: latitude – longitude – altitude.*

OS DADOS REFERENTES À POSIÇÃO SÃO OBJETIVOS, mas muito pouco significativos numa escala humana, já que do ponto de vista físico e biótico alguns graus (ou alguns metros) a mais ou a menos não alteram praticamente nada na estruturação (não antrópica) do espaço litorâneo. Não é essa “mera informação” que vai fazer a diferença, permitindo detectar uma identidade, uma personalidade. É um dado praticamente sempre indiferente, sem grande utilidade concreta no dia-a-dia das pessoas.

Entretanto, devemos observar que o território brasileiro, tanto em terra quanto no mar, é dividido em duas partes e que o limite entre essas duas porções acompanha, mais ou menos, aproximadamente, o paralelo “vinte sul”. O paralelo “vinte sul” corta o território capixaba a uma dezena de km ao norte de Vitória. Na parte continental, ao norte desse paralelo “vinte sul” se encontra o Brasil – e,

portanto, o ES e particularmente o litoral capixaba – majoritariamente “subdesenvolvido”, enquanto ao sul se agrupa o Brasil – e o ES – “desenvolvido”. Na parte oceânica, ao norte do paralelo “vinte sul” são capturados os peixes “finos” (badejo, garoupa, cherne, etc.), peixes escassos, de captura difícil e, portanto, necessariamente muito caros, que não podem ser adquiridos por uma população local pobre; ao sul abundam os peixes baratos (sardinha, merluza, corvina, etc.) que o mercado consumidor do Sul e do Sudeste, de alto poder aquisitivo, despreza em benefício da carne – bovina, porcina e avícola, por exemplo.

#### *b) Relativa*

EM REFERÊNCIA AO RELEVO, À HIDROGRAFIA, À URBANIZAÇÃO/INDUSTRIALIZAÇÃO, ÀS rotas marítimas, aos portos, aos pesqueiros, ao comércio, a um estabelecimento de ensino, a um ente querido. Os dados são, por excelência, “subjativos”, mas de grande relevância na compreensão da organização do espaço litorâneo. Essa importância fundamental se deve ao papel da “posição relativa” na problemática da presença do ser humano e de suas atividades (e cada vez mais de sua inatividade), isto é, na problemática do uso (qualitativo) e da ocupação (quantitativa) do solo na época atual, mas também em eras pretéritas, graças a um formidável fenômeno de inércia. A “geografia retrospectiva” não é uma curiosidade saudosista, nostálgica, mas uma análise do preciosíssimo legado herdado do passado e que nos ajuda muito a evidenciar o peso dos condicionantes (freios ou motores) num mundo rico em “Revoluções”. A “posição relativa” do atual litoral capixaba na época pré-cabralina, bem como sua “posição relativa” nos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e XIX esclarecem os problemas que desafiam o povo capixaba nesse início do terceiro milênio: maximizar os benefícios (concretos ou virtuais) e minimizar os prejuízos (atuais ou futuros) que o fato de se encontrar localizado na parte central da margem oriental do Brasil e na orla ocidental do oceano Atlântico Sul implica. Efetivamente, a posição geográfica do ES traz uma série de conseqüências favoráveis e adversas que se refletem em toda a paisagem física, biótica e antrópica do estado.

#### *c) Vantagens locais.*

A leitura e a interpretação dos dados referentes à localização do atual litoral capixaba possibilitam o acompanhamento, no tempo e no espaço, da evolução da “idéia” que as respectivas gerações tiveram do seu ambiente litorâneo.



Predominam, hoje, as imagens positivas: paraíso tropical; praias idílicas, zona edênica (embora o Eldorado seja procurado, escondido, no sertão/interior); posição excepcional, zona privilegiada; área propícia; terras beneficiadas; zona favorável; espaço atrativo; zona de condensação demográfica; enfim, um trunfo, estrategicamente posicionada, aspecto importantíssimo na logística.

*d) Fatores adversos*

Entretanto, nem tudo é perfeito, alguns enxergam, total ou parcialmente, temporária ou permanentemente, alguns elementos (passivos ou ativos) negativos: área insalubre; praias inóspitas (ao homem branco vindo das zonas temperadas); área insegura; litoral pouco acolhedor; ambiente hostil; zona repulsiva; ambiente corrosivo; área de dispersão; tropicalidade litorânea debilitante; litoral letárgico; terras onde proliferaram moléstias infecciosas; insalubridade que constitui um obstáculo ao vigor humano; uma atividade física que se reduz e com ela a atividade psíquica também (e igualmente para a atividade intelectual); ou seja, seriam vários entraves ao progresso.

*e) Um local ambíguo: o porto*

Um porto é um lugar da costa onde as embarcações podem fundear ou amarrar e estabelecer contatos com a terra, mas, ao mesmo tempo, é uma verdadeira porta, ou seja, uma abertura para dar entrada ou saída. Espaço aberto para as riquezas e as ameaças do mundo, o porto evoca ao mesmo tempo o abrigo, o refúgio, a fragilidade, a vulnerabilidade; o porto combina as imagens da invasão e da evasão do comércio e do contrabando.

2º SITUAÇÃO (SÍTIO)

AO LONGO DOS SEUS 400KM DE EXTENSÃO, o litoral capixaba apresenta uma vasta gama de *sítios*; alguns favoráveis à presença humana, outros muito menos, embora genericamente todos estejam abrigados debaixo do “guarda-chuva” conhecido como *sítios litorâneos*. O *sítio* é a base física, o assoalho, o conjunto de condições naturais que caracterizam um assentamento humano.

Os principais critérios para fazer uma escolha/ opção (entre várias alternativas) variam muito, no tempo e no espaço, mas sempre aparecem na longa lista (num lugar ou no outro): a topografia, o *substratum*, a climatologia, a segurança, o abastecimento, a capacidade de suporte, etc.

Nunca nenhum assentamento humano foi resultado de um acaso aleatório, mas, pelo contrário, sempre foi fruto de uma demorada observação, seguida por uma profunda reflexão e por uma longa deliberação e finalmente por uma decisão criteriosa e lúcida. Os critérios de valorização do espaço variam muito conforme a época e conforme o grupo envolvido, mas não devemos esquecer que nunca, e em lugar nenhum do planeta, se ouviu notícia de uma aldeia indígena inundada, ou soterrada por um deslizamento de terra, ou destruída pelo rolamento de pedras soltas, ou destelhada por um vendaval, enquanto o noticiário cotidiano não pára de enumerar catástrofes ditas “naturais”.

Os principais tipos de *substratum* costeiro são: rochoso, arenoso, lodoso.

Os principais tipos de topografia litorânea são: praia, duna, falésia, costão, restinga, terraço, estuário, delta, beira-mar, beira-rio, ilha, península, costa de emersão, costa de submersão.

Os otimistas consideram os sítios litorâneos majoritariamente favoráveis à presença humana, enquanto os pessimistas denunciam a presença de um “obstáculo natural”, de uma topografia ingrata, de uma estabilidade precária, de uns recursos escassos, de verdadeiras relíquias remanescentes.

### 3º DELIMITAÇÃO

IDENTIFICAR UMA “ZONA COSTEIRA” é tarefa muito fácil pela abundância de critérios (científicos ou populares); mas fixar limites para essa “entidade” é muito mais complexo pela impossibilidade de se chegar a um consenso capaz de satisfazer todas as abordagens possíveis desse ambiente nitidamente singular. Um dos maiores paradoxos da geografia! Uma polêmica infundável. Um desafio estimulante.

*a) Uma tremenda dificuldade: enorme quantidade de pontos de vista.*

A título apenas de exemplo, relacionam-se, abaixo, alguns pontos de vista diferentes que analisam o aspecto em questão – a delimitação:

- para a “Administração”, os únicos critérios aceitáveis são os estatísticos: frios, rigorosos, mas, um tanto, artificiais, arbitrários.
- para a “Política” interessada pelo gerenciamento do espaço, só contam os beneficiados, os favorecidos, os privilegiados, os excluídos, os expulsos.
- para a “Ciência”, incapaz de conciliar os conceitos da antropologia, da psicologia, da sociologia, da história, da geografia, da ecologia, da literatura, da

arte, da geologia, da hidrologia, da climatologia, da meteorologia, da economia, da medicina, da agronomia, da educação física, da prática desportiva, do direito, trata-se apenas de uma discussão bizantina, de um debate sobre o sexo dos anjos.

Polêmica/ provocação à parte, o ponto de vista “acadêmico” tende a entender o litoral como uma “linha”, um contato, um traço, uma separação, uma ruptura, uma interface, uma fronteira (atrativa ou repulsiva), um local de troca, uma sinapse, uma solução de continuidade (embora se admita que os fluidos, gasosos ou líquidos, não respeitem nenhum tipo de fronteira). Enquanto os critérios institucionais/ jurídicos reconhecem uma “faixa”; uma área; uma zona marginal; uma intersecção de área; uma proximidade (do mar, da terra); uma transição; uma passagem progressiva, insensível; uma atenuação de certas características e o surgimento e fortalecimento de outras; um espaço de interpenetração, de sobreposição; um local de refúgio, de alimentação, de reprodução de certos animais (permanentes ou migratórios); um ecótono; um espaço-tampão; uma banda onde ocorre o “efeito de borda”; uma zona limítrofe, confinante, lideira.

Excelente oportunidade para mergulhar fundo na geografia das descontinuidades espaciais e sua genuína mistura de critérios físicos (bióticos ou abióticos) e culturais.

Limite “linear” ou fenômeno “areolar”, em terra como no mar, o litoral capixaba faz parte de uma dinâmica maior, orquestrada por pulsações que o mantém no domínio do transitório/ provisório/efêmero, no território do inconsolidado, do instável em curto, médio ou longo prazo. Uma dinâmica que exige o seu estudo no passado, no presente, no futuro: paleo; proto; retro; cripto; pré; pós; grau da evolução; etapa; fase do ciclo; episódio; primórdio; prólogo; epílogo. Mas também uma adequação à escala: micro/ macro/ meso espaço; infra/ supralitoral.

*b) Uma necessidade: por causa de um remédio hiper amargo.*

Várias experiências foram realizadas para estabelecer critérios de delimitação da zona costeira: desde os mais evasivos (áreas de influência direta do mar/ das ondas/ da maré) até os mais geométricos (distância constante da linha da costa – batimetria máxima – 50m – altitude inferior a +30m).

A Constituição Federal de 1988 considera, no parágrafo 4 do artigo 225, que a Zona Costeira faz parte do “patrimônio nacional”, mas não delimita esse espaço de interesse especialíssimo para o país. O artigo 20 discrimina os “bens de união” e entre outros os bens da zona costeira. Os artigos 21, 22, 23 e 24



arte, da geologia, da hidrologia, da climatologia, da meteorologia, da economia, da medicina, da agronomia, da educação física, da prática desportiva, do direito, trata-se apenas de uma discussão bizantina, de um debate sobre o sexo dos anjos.

Polêmica/ provocação à parte, o ponto de vista “acadêmico” tende a entender o litoral como uma “linha”, um contato, um traço, uma separação, uma ruptura, uma interface, uma fronteira (atrativa ou repulsiva), um local de troca, uma sinapse, uma solução de continuidade (embora se admita que os fluidos, gasosos ou líquidos, não respeitem nenhum tipo de fronteira). Enquanto os critérios institucionais/ jurídicos reconhecem uma “faixa”; uma área; uma zona marginal; uma intersecção de área; uma proximidade (do mar, da terra); uma transição; uma passagem progressiva, insensível; uma atenuação de certas características e o surgimento e fortalecimento de outras; um espaço de interpenetração, de sobreposição; um local de refúgio, de alimentação, de reprodução de certos animais (permanentes ou migratórios); um ecótono; um espaço-tampão; uma banda onde ocorre o “efeito de borda”; uma zona limítrofe, confinante, lideira.

Excelente oportunidade para mergulhar fundo na geografia das discontinuidades espaciais e sua genuína mistura de critérios físicos (bióticos ou abióticos) e culturais.

Limite “linear” ou fenômeno “areolar”, em terra como no mar, o litoral capixaba faz parte de uma dinâmica maior, orquestrada por pulsações que o mantém no domínio do transitório/ provisório/efêmero, no território do inconsolidado, do instável em curto, médio ou longo prazo. Uma dinâmica que exige o seu estudo no passado, no presente, no futuro: paleo; proto; retro; cripto; pré; pós; grau da evolução; etapa; fase do ciclo; episódio; primórdio; prólogo; epílogo. Mas também uma adequação à escala: micro/ macro/ meso espaço; infra/ supralitoral.

*b) Uma necessidade: por causa de um remédio hiper amargo.*

Várias experiências foram realizadas para estabelecer critérios de delimitação da zona costeira: desde os mais evasivos (áreas de influência direta do mar/ das ondas/ da maré) até os mais geométricos (distância constante da linha da costa – batimetria máxima – 50m – altitude inferior a +30m).

A Constituição Federal de 1988 considera, no parágrafo 4 do artigo 225, que a Zona Costeira faz parte do “patrimônio nacional”, mas não delimita esse espaço de interesse especialíssimo para o país. O artigo 20 discrimina os “bens de união” e entre outros os bens da zona costeira. Os artigos 21, 22, 23 e 24

estabelecem as competências da União no que diz respeito às atribuições legislativas e executivas do governo federal, às atribuições legislativas compartilhadas entre a União, os Estados e o Distrito Federal, assim como às atribuições administrativas compartilhadas.

A Lei 7.661, de 16 de Maio de 1988, institui o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro (atualizado em 03/ 12/ 97 pelo PNGCII), que se aplica ao Mar Territorial brasileiro (uma faixa de doze milhas marítimas de largura, medidas a partir da linha de baixa-mar do litoral continental e insular brasileiro). Também se aplica à Zona Costeira (conjunto dos territórios municipais litorâneos: municípios defrontantes com o mar; municípios contíguos às grandes cidades litorâneas que apresentam processo de conurbação; os municípios localizados a menos de 50km da linha de costa que aloquem em seu território atividades e infra-estruturas de grande impacto sobre a Zona Costeira ou ecossistemas costeiros de alta relevância; os municípios estuarinos – lagunares; e os municípios que tenham todos os seus limites estabelecidos com os municípios referidos nas alíneas anteriores).

O Projeto de Gestão Integrada da Orla Marítima (“Projeto Orla”) iniciativa do Governo Federal proposta pela CIRM em 2001, coordenado pelo Ministério do Meio Ambiente e pela Secretaria do Patrimônio da União do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, pretende estimular o desenvolvimento durável na orla. A sua área de abrangência é composta de uma faixa terrestre com largura de 200 metros em áreas não-urbanizadas e de 50 metros em áreas com urbanização consolidada e de uma faixa de águas litorâneas limitadas à profundidade de 10 metros.

É obvio que se o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro “pecava” por excesso com seus territórios dos municípios litorâneos, o Projeto Orla é insuficiente demais para resolver os conflitos gerados pelo uso e pela ocupação da faixa litorânea: *quadra do mar – 2ª/3ª/4ª quadra do mar –, de frente para o mar, vista eterna para o mar*. A valorização/desvalorização do espaço costeiro envolve tantos interesses (em quantidade e em qualidade) que provoca acirradas disputas, intensa especulação imobiliária/fundiária, e crescente violência. Num espaço tão procurado, tão cobiçado e onde, infelizmente, não é possível acomodar todos os que o desejariam, é necessário reintroduzir uma “maldita” palavra, banida no decorrer dos últimos decênios: DISCIPLINAR. O liberalismo, o neoliberalismo, a pós-modernidade, a tolerância, a permissividade, a prática do fato consumado, a falta de ética levaram a uma situação caótica extremamente preocupante, conflituosa, explosiva, exigindo mecanismos de intervenção para impor regras,

normas, critérios, limites, restrições (obrigação / proibição), cobranças. É preciso conciliar interesses divergentes para evitar conflitos no uso (residencial, comercial, recreativo, esportivo) e na ocupação (intensiva, semi-intensiva, extensiva) do solo. Remédio muito amargo, a tomar em doses homeopáticas e de aplicação restrita. Uma necessidade emergente se consolida a cada dia: reduzir ao mínimo necessário a área de aplicação de um remédio hiperamargo, mas indispensável; poupar o que não é estritamente necessário. Daí a necessidade de fazer um esforço intelectual para inventar critérios satisfatórios de delimitação de uma área perigosa e que deve ser submetida a tratamento exclusivo. Já é tarde demais, não se pode mais fugir das responsabilidades. Basta de covardia; basta de conforto acadêmico; é hora de assumir o desafio!

*c) Uma contribuição da geografia: geossistema.*

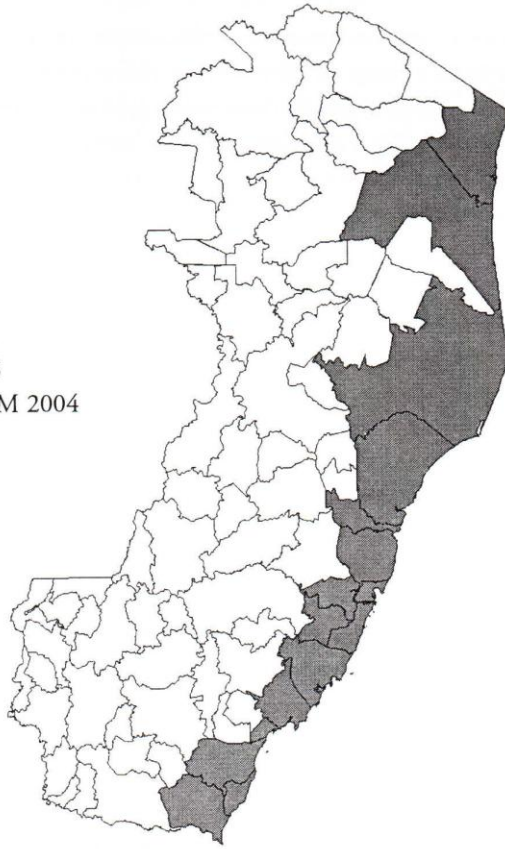
A geografia é uma leitura e uma interpretação de um documento geográfico que pode ser um mapa, uma fotografia, um texto, uma tabela estatística, um gráfico, uma paisagem. A tarefa inicia com uma acurada observação; seguida de uma descrição, que não procura ser exaustiva, mas, pelo contrário, se esforça para ser extremamente seletiva com o fim de obedecer a uma sistemática, a uma lógica própria. Adotando uma bateria de indicadores para desvendar o visível e, sobretudo, o invisível, a geografia privilegia também a investigação do presente e do ausente.

Ultrapassando o estágio da “corografia” e da “fisiografia”, a geografia, depois de Max SORRE busca trilhar uma “ecologia do homem” e assim se reapropriar da paisagem (“ciência das paisagens”). Paisagem não mais como horizonte, pano de fundo, panorama, cenário e seus aspectos visuais, artísticos, estéticos, mas como associação específica de formas, abordadas pela análise morfológica e que só pode ser ao mesmo tempo natural e cultural; mas também, não apenas uma marca, um rastro, mas igualmente como uma matriz que condiciona a relação de uma sociedade com seu espaço.

A ocorrência de uma paisagem litorânea facilita a delimitação precisa e nítida de um ambiente costeiro e restringe muito a área de aplicação do remédio hiperamargo do disciplinamento do uso e da ocupação do solo na faixa costeira. Mais do que o ecossistema dos biólogos ou dos ecólogos, os geógrafos apostam sobre o *geossistema* para fazer avançar as pesquisas sobre a problemática da presença do Homem a bordo do nosso pequeno planeta, particularmente no caso singular do litoral capixaba.



MUNICÍPIOS  
LITORÂNEOS  
CAPIXABAS EM 2004



*d) Muito mais do que um mero zoneamento*

Mais do que uma delimitação / macro zoneamento que satisfaça o espírito acadêmico, importa buscar os meios suscetíveis de evitar: as disparidades muito marcantes no progresso humano e econômico do litoral capixaba, em curto prazo; desastres ecológicos de catastróficas conseqüências para as comunidades atuais e futuras.

Mais do que uma “pesquisa pura”, uma pesquisa teórica, a delimitação pretendida deve proporcionar resultados imediatos de alcance socioambiental.

Fugindo do sensacionalismo e evitando o estilo jornalístico, a geografia deve empenhar-se em identificar, quantificar, delimitar, cartografar as potencialidades, as disponibilidades, e a acessibilidade dos recursos físicos, bióticos, sociais, econômicos e culturais do litoral capixaba.

Recusando explicitamente impor o seu pensamento, a geografia deve, humildemente, colocar-se a serviço das populações para ouvi-las, assessorá-las, motivá-las, envolvê-las, auxiliá-las a realizar seus sonhos, ajudá-las a ler e interpretar a realidade concreta onde estão mergulhadas. Simples catalisador, o geógrafo deve estimular a reação sem ele mesmo intervir, a não ser unicamente pela sua mera presença. Espaço vivido, espaço percebido, espaço representado. O ecúmeno litorâneo capixaba só pode ser delimitado pelos próprios protagonistas de sua produção: os habitantes, os moradores e os usuários. Mas essa decisão, carregada de inúmeras conseqüências, deve ser longamente deliberada coletivamente e tomada de maneira consciente, responsável e lúcida.

Geossistema? Paisagem? Território?

#### 4º CONFIGURAÇÃO

A MORFOMETRIA TERRITORIAL DA FAIXA costeira capixaba (um paralelogramo estreito e muito comprido: 400 km de extensão por uma largura máxima inferior a 40 km) é caracterizada por elementos essenciais e acessórios que se combinam de várias maneiras e onde as áreas de transição se multiplicam. Esse alongamento, contrariamente a um espaço “compacto”, provoca uma extrema diversidade: biodiversidade, grande diversidade de sítios, de potencialidade, virtualidade (excelente oportunidade para aprofundar nossos conhecimentos sobre geodiversidade!).

A configuração do território litorâneo capixaba, aliada à sua posição geográfica, traduz-se por influências contraditórias de isolamento e de intensa vida de relação (vida de relação estabelecida por mar ou pela sua margem desde tempos precoces).

#### 5º DISPOSIÇÃO: MERIDIANA/AXIAL

A ESTRUTURA MERIDIANA AFETA A DISTRIBUIÇÃO das regiões naturais (mais ou menos úmidas ou mais ou menos secas) e, sem dúvida, pesou bastante até na evolução política do estado.

Para enriquecer nossa reflexão podemos estabelecer analogias com o litoral do estado do Rio de Janeiro e sua alternância de trechos meridianos e de trechos acompanhando os paralelos.

#### 6° ORIENTAÇÃO

NUMA ESCALA PLANETÁRIA, O LITORAL capixaba se localiza na fachada oriental do continente sul-americano e, ao mesmo tempo, na margem ocidental do Atlântico Sul, o que vai profundamente influenciar as condições climáticas. É fácil observar que, na mesma latitude, a fachada ocidental da América do Sul é desértica (litoral norte do Chile), bem como é também desértica a face oceânica oposta ao litoral capixaba no continente africano (litoral da Namíbia), embora posicionada no mesmo paralelo.

#### 7° EXPOSIÇÃO

NUMA ESCALA LOCAL, A POSIÇÃO DO LITORAL capixaba é considerada favorável em relação à exposição aos ventos, às chuvas, por ser exatamente aquela que é a mais propícia para captar a umidade varrida do oceano .

#### 8° CONFRONTAÇÃO: *VIZINHANÇA/ ENTORNO/ ADJACÊNCIAS*

DUPLAMENTE PERIFÉRICA, A ZONA COSTEIRA sofre as influências do mar e do continente (vizinhos).

O mar, imensa massa líquida, heterogênea e permanentemente agitada (vertical e horizontalmente) apresenta elementos negativos, repulsivos, perigosos, misteriosos, mas também elementos positivos de um imenso reservatório – de energia, de minerais, de alimentos, de água – e de uma abertura sobre o mundo.

Apresenta-se o continente com sua topografia, sua climatologia, sua hidrografia, sua cobertura vegetal, e a fauna associada, mas também com a presença do Homem e a conseqüente artificialização da camada superior da crosta terrestre.

É, portanto, uma zona marginal onde se confrontam permanentemente o sólido e o fluido, o estável e o móvel, o natural e o artificial, o vazio e o sobrecarregado.

#### 9° Compartimentação

Tanto em terra quanto no mar, o litoral capixaba não é homogêneo/monótono, mas, pelo contrário, é extremamente diferenciado, contrastado,



compartimentado, modulado, um verdadeiro mosaico, uma colcha de retalhos.

Numa macro-escala, podemos distinguir o tabuleiro, a planície, a plataforma continental, o estuário.

Numa meso-escala, podemos enxergar uma superfície plana horizontal, uma superfície inclinada (declividade/active), uma zona côncava e convexa.

Numa micro-escala, podemos identificar um nicho ecológico, uma cavidade, uma poça.

No primeiro caso, trata-se de fenômenos de alguns quilômetros de extensão; no segundo caso, de algumas centenas de metros; e, no terceiro, de fenômenos cuja extensão é inferior a poucas centenas de metros.

A identificação, a caracterização e a delimitação de cada um desses compartimentos (divisões, subdivisões, até maior detalhamento) são a base do diagnóstico, como também do prognóstico, ambos necessários para um melhor aproveitamento possível do espaço litorâneo.

## II. Gênese (ou origens)

A EXISTÊNCIA DO LITORAL CAPIXABA QUE CONHECEMOS hoje começou cerca de 210 milhões de anos atrás (Cretáceo Inferior?) quando ocorreu a separação entre África e Brasil, um racha seguida de um afastamento lento, progressivo, inexorável e que continua ainda hoje a um ritmo de alguns centímetros por Século!

### 1º ORIGEM FÍSICA E BIÓTICA

INICIAVA-SE, ENTÃO, UMA LONGA SAGA que havia começado com uma fase puramente mineral, acrescida de uma fase biótica (flora e fauna) – primeiramente aquática (salgada), depois terrestre e finalmente aérea –, sobreposta por uma fase humana recentíssima, de apenas algumas dezenas de milhões de anos.

As formas (verticais e horizontais) da zona costeira dependem de quatro tipos de fenômenos:

a) Os movimentos dos continentes

- *movimentos verticais*: são as deformações orogênicas e/ou epirogênicas (*orogênese* é o conjunto dos fenômenos que levam, por vários motivos, à formação de montanhas; *epirogênese* são movimentos de subida ou de descida de grandes áreas de crosta terrestre de modo muito lento) e isostáticas (*isostasia* é a compensação de pressões).

- *movimentos horizontais*: a deriva dos continentes e a tectônica de placas.

b) as mudanças/flutuações do nível dos oceanos ocasionadas essencialmente pelo eustatismo glacial (*eustatismo* são variações lentas do nível dos mares provocadas principalmente pelas mudanças climáticas, alternando fases quentes e fases frias, modificando assim a proporção de água líquida e de água sólida, gelo, a bordo do nosso pequeno planeta). Essas flutuações do nível do mar se traduzem por “transgressão” – submersão ou avanço da linha da costa em direção ao continente – e por “regressão” – emersão ou recuo da linha da costa em direção ao oceano.

Atualmente, a maioria dos litorais apresenta um modelo de submersão e o nível geral dos mares continua subindo, mas com um ritmo muito lento: alguns milímetros por ano ou talvez menos!

De um passado relativamente recente, podemos notar algumas posições extremas do litoral capixaba provocadas pelas oscilações do nível do mar: os dois últimos episódios transgressivos, que ultrapassaram o nível do mar atual, ocorreram em torno de 120.000 anos A.P. (Antes do Presente, ou seja, antes de 1950), época em que provavelmente o nível do mar se situava de 6 a 10m acima do atual, e por volta de 7000 anos A.P., com o nível do mar aproximadamente 5m acima do atual. O episódio regressivo mais significativo ocorreu em torno de 18.000 anos A.P., época em que a altitude zero se encontrava a menos 100m (verticalmente) em relação ao presente. A linha zero do mar capixaba ocorreu há 6.400 anos A. P. Há 5.100 anos A. P., o nível relativo do mar alcançou um máximo de 3,5m acima do presente. Há 3.500 anos A. P., o nível relativo do mar atingiu o “segundo máximo”, alcançando 3m acima do nível atual.

Esses acontecimentos são extremamente relevantes para o conhecimento e a compreensão da presença humana na fachada atlântica do ES, tanto no passado como hoje.

c) a erosão marina – Fenômenos de destruição/ abrasão do relevo, de transporte dos elementos erodidos e de construção, deposição, sedimentação, aliados aos processos – erosivos, “mobilizativos”, depositivos – continentais, provocam a regularização da linha de costa, alternando as fases de progradação e de degradação.

d) A ação dos seres vivos (animais e vegetais) que contribuem grandemente à desagregação das rochas, à movimentação dos elementos soltos e à deposição/acumulação dos sedimentos, mas também que participam ativamente nas tarefas de construção (recifes de corais, algas calcárias).

## 2º ORIGEM ANTRÓPICA

a) *Povoamento: em ondas sucessivas*

## - Os Indígenas

EMBORA NÃO EXISTA AINDA UM CONSENSO sobre a origem, a data, o sentido da migração (do nordeste em direção ao sul ou inversamente?), é muito provável que os primeiros capixabas tenham chegado e se instalado nas bordas do Atlântico Sul. Lamentavelmente, a “primeira onda” (bem antes dos Tupi-guarani encontrados por Vasco Fernandes Coutinho) elegeu sítios hoje submersos e que talvez um dia a futura arqueologia submarina nos revelará. O estudo minucioso das oscilações do nível do mar não é apenas uma curiosidade acadêmica, é, sobretudo, o início da constituição do nosso maior patrimônio: o patrimônio cultural.

A maritimidade começa com o respeito, o resgate, o estudo, a preservação, a proteção, a leitura e a interpretação das humildes lembranças herdadas de um longínquo passado. O “Homem dos Sambaquis” não pode ser transformado em objeto folclórico qualquer. Não devemos tolerar a impunidade de quem agride/destrói um sítio arqueológico (mesmo parcialmente conservado). Pelas suas observações, reflexões, experiências e vivência num ambiente costeiro, os primitivos/nativos têm muitas coisas a ensinar ao Homem do terceiro milênio, qualquer que seja sua idade, seu poder aquisitivo, seu nível de instrução.

## - Os invasores

A partir do final do século XV e início do século XVI, desembarcaram, sem ter sido convidados, os europeus, oriundos de uma zona temperada e, portanto, ignorando tudo do mundo tropical litorâneo. Os intrusos não demoraram muito para forçar os africanos (vindos essencialmente do interior do continente) a atravessar o oceano a fim de executar aqui as tarefas mais duras.

Bem mais recentemente, na segunda metade do século XIX e nos primeiros decênios do século XX, novas vagas migratórias (espontâneas ou dirigidas) chegam de várias partes da Europa e da Ásia (Extremo Oriente e Oriente Médio).

Para completar a intensa miscigenação, falta apenas incorporar as inúmeras levas de migrantes internos (atraídos por..., ou expulsos por...), procedentes do interior do próprio ES, da região Sudeste, do Nordeste.



*g) Atividades ligadas ao mar:*

Mais ou menos numa ordem cronológica, foram implantadas, progressivamente, em toda a extensão do litoral capixaba, as seguintes atividades estreitamente ligadas ao Atlântico Sul e desenvolvidas pelos autóctones e pelos forasteiros:

- Produção de alimentos (animais e vegetais) através da pesca, da maricultura, da ampliação da área produtiva por aterro (“polderização”), pelo uso dos recursos do mar como corretivos e como fertilizantes, do sal (para conservação e consumo gastronômico), pela produção de substâncias adicionais para enriquecer alimentos de origem terrestre (sais minerais, vitaminas, proteínas) e pelo fornecimento de produtos farmacêuticos e veterinários.

- Transporte de passageiros, de mercadorias e de idéias (pensamento): as rotas, as frotas, os portos, os fluxos, e sua dinâmica.

- Exploração dos recursos minerais (da modesta areia aos minerais pesados radioativos) e das formas de energia, tradicionais ou alternativas (renováveis e não poluentes).

- Indústrias diretamente ligadas ao mar (estaleiros de construção naval, de reparo naval, de desmonte naval) e indústrias induzidas pelas atividades portuárias beneficiando total ou parcialmente os produtos importados ou exportados (CST – CVRD – Samarco – Aracruz Celulose – Garoto, etc.)

- Urbanização – periurbanização – rurbanização – metropolização – contra urbanização.

- Recreação, lazer, turismo, ócio, esportes, artes, artesanato.

- Espiritualidade – religião (São Pedro, Nossa Senhora dos Navegantes, Iemanjá, São Benedito e o mastro do Palermo, Caboclo Bernardo).

- Atenção à saúde: talassoterapia – talassoprofilaxia – balneoterapia – climatoterapia – helioterapia.

### 3º A FAIXA COSTEIRA CAPIXABA NO INÍCIO DO 3º MILÊNIO

AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS do espaço litorâneo capixaba podem ser sintetizadas em quatro pontos:

*a) Exigüidade*

Um espaço finito, relativamente escasso e portanto um espaço valorizado, cobiçado, apropriado, conflituoso, disputado, adaptado, melhorado,

organizado, produzido. A extrema exigüidade do espaço dá origem a uma especulação desenfreada e uma intensa verticalização da orla em certos trechos do litoral capixaba. O problema da exigüidade do território costeiro está intimamente ligado ao problema da acessibilidade material (física, economicamente, etc.), mas também ao psicológico (mentalidade, tabu, medo, tradição, inércia, etc.).

Três categorias de conflitos nascem dessas constatações:

- Os relacionados com o espaço efetivamente ocupado;
- Os relacionados com o domínio das poluições;
- Os nascidos das atitudes psicológicas.

Os conflitos devem ser atenuados, minimizados, eliminados (total ou parcialmente). Em contrapartida, um espaço exíguo é favorável ao desenvolvimento da convivalidade, da solidariedade, da convivência.

#### *B) PLASTICIDADE*

Trata-se de uma área física e culturalmente inconsolidada, permanentemente modificada, alterada, transformada, deslocada, precária. Estamos no mundo do provisório, do efêmero, do instável. E todas essas mudanças, físicas, bióticas e antrópicas, se processam a um ritmo sempre acelerado. Estamos realmente frente a um espaço de geometria variável.

#### *c) Complexidade*

O litoral não é um espaço homogêneo, mas, pelo contrário, um espaço contrastado, um autêntico mosaico, um espaço hipercomplexo (complexidade física, biológica, cultural). Um espaço concorrido, carregado de sentidos, de valores, de história, povoado de atores/protagonistas (com ou sem poder) divididos em grupos sociais com identidades mais ou menos fortes.

O espaço litorâneo não é um simples palco, nem um mero cenário, mas uma identidade, uma personalidade, uma especificidade, onde milhares e milhares de elementos, divididos, subdivididos e sub-subdivididos se correlacionam permanentemente com ritmo, intensidade, frequência, duração, que variam constantemente no espaço e no tempo. Um universo hipercomplexo onde é muito fácil desempenhar o papel de aprendiz feiticeiro, deslanchando um “efeito cascata” ou um “efeito dominó” infundável cujas conseqüências podem infelizmente se tornar irreversíveis.

#### *d) Vulnerabilidade*

O litoral é, antes de tudo, uma área frágil, sensível, ameaçada, degradada, desfigurada, mutilada (voluntária ou involuntariamente), seriamente impactada pela ocupação humana atual e é também uma área perigosa, uma área de riscos (materiais, genéticos e culturais), um espaço biologicamente rico (riquíssimo), mas ecológica, física e culturalmente frágil.

Ter uma mentalidade marítima e exercer plenamente sua cidadania marítima consiste em vigiar permanentemente se a biodiversidade é mantida e se a diversidade cultural é respeitada; se ambas são incentivadas, protegidas, preservadas, conservadas. É igualmente zelar pela adoção de medidas, algumas mitigadoras, outras reparadoras, outras compensatórias, outras potencializadoras, pelas autoridades competentes.

### III. Maritimidade, cidadania e geografia.

#### *1º Da geografia “sofrida” à geografia “ativa”*

ATÉ UM PASSADO MUITO RECENTE (pouco mais do que meio século), o ser humano aceitava, humildemente, tanto no plano físico quanto no plano cultural, a submissão, a resignação, o fatalismo, o conformismo, a sujeição, a dominação. Ele procurava “conhecer” para se adaptar melhor; o resultado dessa atividade foi o aparecimento e a rápida ampliação de “disparidades espaciais” e de “injustiças sociais” levando a uma situação inaceitável, insuportável, intolerável, inadmissível. Mas o Homem é essencialmente um ser REBELDE que denuncia, que contesta, reflete e age. Nascia assim a geografia ativa, aplicada, voluntária, pretendendo “refazer a geografia”, convicta de que outros mundos são possíveis, persuadida de que cabe ao Homem “produzir o espaço”, “artificializar o planeta”, construir “um mundo melhor para todos” (todos os Homens e o Homem todo).

A geografia consiste em uma “REFLEXÃO, voltada para a AÇÃO, sobre os esforços que o Homem desenvolve, deliberada e coletivamente, para modificar as condições espaciais da EXISTÊNCIA de uma comunidade”. (Jean Labasse)

O ideal do geógrafo reside no combate para “ser APENAS geógrafo, mas TOTALMENTE geógrafo”. (Pierre George)

“Mais do que discutir para saber se PODEMOS tudo aquilo que QUEREMOS, importa perguntar se QUEREMOS tudo aquilo que PODEMOS”. (Autor anônimo)



O Político é quem recebe uma “delegação de poder”, um mandato por parte de um eleitor/ adulto/ ex – aluno de uma aula de geografia/ cidadão.

O Cidadão tem o direito e o dever de não apenas se fazer representar pelo Eleito, mas também de participar do exercício do PODER. Para ter a faculdade de atuar não basta ao Cidadão “saber” ou “explicar”, importa “compreender” o significado de cada um dos elementos que compõem a intrincada teia de inter e correlações hipercomplexas entre as condições físicas, bióticas e culturais, no tempo e no espaço, num ambiente de absoluta e permanente relatividade.

Essa compreensão, essa busca de significados é o objetivo da Geografia (didática, acadêmica, técnica), contribuindo assim para consolidar uma autêntica educação (que não tem nada a ver com adestramento) para a cidadania através de um ensino formal, de um ensino informal, mas também, e cada vez mais, de um ensino não – formal. Um autêntico cidadão não deve adotar *um comportamento indiferente* (por ignorância, alienação, impotência, covardia, egoísmo, aceitação da fatalidade, aceitação do complexo de inferioridade) e muito menos *um comportamento desfavorável* (de resistência, hostilidade passiva ou ativa, que prejudica), mas adotar claramente *um comportamento favorável* (de entusiasmo, parceria, cumplicidade, contribuição, engajamento, que beneficia).

A Geografia Cidadão privilegia:

- o planejamento territorial indagativo, totalmente diferente do planejamento territorial curativo e do planejamento territorial preventivo;
- o planejamento territorial integrado, preferível aos planejamentos pontual e setorial;
- a micro escala;
- a contextualização: cada compartimento é uma peça de um conjunto maior;
- a dignidade da condição humana: o litoral foi feito para o Homem e não o Homem para o litoral;
- a abordagem sintética, sistemática, holística;
- a inovação, a imaginação, a invenção, a criação;
- o desenvolvimento durável, a capacidade de suporte, o zoneamento, permitindo ao maior número possível de pessoas usufruir, curtir, gozar a beira-mar;
- a geografia profunda, de grande fôlego, a geografia retrospectiva do *espaço vivido, percebido, representado*, procurando um jeito de equipar, de preservar, de salvaguardar sem frear, de implantar complementaridades, solidariedades, cumplicidades, combinando interesses econômicos com angústias ecológicas, desenvolvimento com conservação, exploração com proteção, preocupações sociais e ecológicas, numa utopia otimista que não seja um mero sonho generoso

e que busca sinceramente as condições necessárias e suficientes para favorecer o desenvolvimento contínuo do litoral capixaba.

#### IV. Erros (e fracassos) cometidos ao longo do litoral capixaba

MAIS DO QUE ADOTAR UMA ATITUDE UFANISTA e triunfalista, repetindo incansavelmente os êxitos e os resultados felizes alcançados no passado, é preferível investigar as causas e as razões dos erros e dos fracassos cometidos ao longo do litoral capixaba no decorrer dos últimos cinquenta anos e identificar as principais ameaças e riscos neste início de milênio.

Sem pretender ser exaustivo e sem procurar estabelecer uma hierarquia, podemos citar, dentro dos mais relevantes, os casos seguintes:

1º: *A Cidade do Sol*: primeiro balneário tecnicamente projetado para oferecer todos os serviços e comodidades aos moradores (cinquenta mil pessoas!) e visitantes.

2º: *A Agro-suco/ Blomaco* – pretensão de aproveitar a localização e as condições privilegiadas para que se investissem os Incentivos Fiscais relacionados às atividades portuárias (Fundap) na produção de laranjas, em três glebas, (para fabricação de suco para exportação), substituídas por mamão (da Serra), trocado por abacaxis, trocados por... nada.

3º: *A Copesa (Companhia de Pesca do ES)* – projeto ligado à atividade pesqueira, aprovado pela Sudepe, pelo Bandes, beneficiado pelos incentivos fiscais do DL 880 e cujas trágicas conseqüências flagelam ainda hoje a população capixaba.

4º: *Loteamento Pontal do Ipiranga* – empreendimento municipal que se transformou num paradigma anti-exemplar, mostrando, explicitamente, os “erros” a serem evitados para não incorrer em múltiplos embargos assinados por várias autoridades federais e estaduais.

5º: *As alterações físicas da orla marítima* – provocadas por dragagens, por aterros, enrocamentos, desmatamentos, construções, urbanização selvagem, perturbando vários ciclos da vida por eliminação de hábitat e/ou destruição, total ou parcial, de ecossistemas. Desde os anos 70, o Comandante Jacques Cousteau denunciava que esses tipos de impactos eram bem piores que a poluição da faixa costeira sob todas as formas.

6º: *A Rodovia do Sol (trecho Sul e trecho Norte)* – mal planejado, o traçado da Rodovia do Sol (Sul) deslançou uma série de situações prejudiciais ao

ambiente (físico, biótico, antrópico) e a “duplicação” contribui grandemente para agravar esses lamentáveis impactos. Apenas a título de ilustração, podemos citar o caso de Piúma e de seu contorno.

Quanto ao trecho norte (previsto até a divisa convencional com o estado da Bahia), verdadeiro corredor de penetração dando acesso a imensas áreas ainda hoje em grande parte preservadas (por vários motivos), ele constitui a maior ameaça ambiental (ambiente físico, biótico, e antrópico) nos próximos anos em todo o estado do ES. “Romper o isolamento” não será sistematicamente sinônimo de progresso e, certamente, será o primeiro passo, o arrombamento da porta, que permitirá, possibilitará, favorecerá e incentivará a seguir uma avalanche de ações mais ou menos discretas, imperceptíveis, mas cujos danos são incalculáveis. Quanto mais se fala em democracia, transparência e participação, mais se mantém na clandestinidade, no sigilo, no segredo os assuntos realmente importantes para a totalidade da população e se implantam medidas diversionistas, fingindo debater temas perfeitamente insignificantes. Afinal de contas, quem será beneficiado com a abertura da Rodovia do Sol norte? Quem será prejudicado (direta ou indiretamente, individual ou coletivamente, em curto, médio ou longo prazo) e para quem o fato é totalmente indiferente?

7º: *A Fermisa / Thotham* – ambas tentaram burlar a legislação brasileira em vigor e, desrespeitando os padrões internacionais, iniciaram a mineração de algas calcárias, prejudicando tanto o mar quanto a parte continental, na região de Piúma e em Santa Cruz (Aracruz), representando graves ameaças contra a biodiversidade.

Aproveitando o assunto (algas marinhas), podemos também mencionar o famoso I Encontro Nacional Sobre Perspectivas Econômicas das Algas Marinhas, realizado em Vitória, em Março de 1984, e referente às algas calcárias e às laminárias (de arrição ou retiradas dos bancos submarinos), encontradas em abundância ao longo do litoral capixaba.

8º: *Petróleo e gás natural (na plataforma continental e em terra)* – as atividades ligadas aos hidrocarbonetos são, reconhecidamente, potencialmente, extremamente, poluidoras em todas as fases do ciclo produtivo: da prospecção ao consumo, incluindo a exploração, o transporte, o beneficiamento, o processamento. Trata-se, por excelência, de uma atividade excludente, incompatível com praticamente todos os outros usos possíveis da zona costeira (pesca, maricultura, turismo, recreação, esportes).

Além disso, é uma atividade que consome enormes quantidades de água, enquanto os recursos hídricos capixabas são escassos e minguantes.



9º: *O Complexo Portuário Capixaba* – considerado como o primeiro de toda a América Latina (ou até do Hemisfério Sul) e orgulho máximo dos capixabas, o Complexo Portuário Capixaba (os portos e terminais marítimos, públicos e privados) é muito longe de ser unicamente benéfico para o litoral espírito-santense. Ele continua apresentando sérias ameaças (por exemplo, entre muitas outras, a água de lastro e sua potencial contaminação), bem como provocando dificuldades cada vez maiores para as pessoas que vivem, trabalham ou passam pela costa capixaba (congestionamento, sujeira, acidentes, poluições, esterilização de imensas áreas; especulação) sem falar do já referido problema do abastecimento em água e do tratamento das águas usadas.

A política dos “Grandes Projetos”, o “Corredor Centroleste”, o “Corredor Atlântico do Mercosul” (Consórcio que tem sede no ES e que foi registrado no Cartório Civil das Pessoas Jurídicas de Vitória no dia 19 de novembro de 1996), a primazia dada às exportações e a diversificação das fontes de renda são aspectos do padrão desenvolvimentista adotado. Padrão que pretende tirar partido das oportunidades, naturais e culturais, encontradas ou criadas ao longo do litoral e que se traduz por uma nova ordem espacial. Mas a modernização, o progresso, a busca desenfreada pelo crescimento econômico não eliminaram, nem reduziram a pobreza, a miséria, o desemprego, as desigualdades (espaciais e sociais) e a fome.

Não se pode fechar o parágrafo sobre o Complexo Portuário sem acrescentar, maliciosamente, um pouco de pimenta, lembrando a concorrência<sup>1</sup> terrível exercida por Sepetiba. Ligadas as atividades portuárias, devemos também lembrar as memoráveis polêmicas em torno do estaleiro de reparo naval (Lisnave) em Camburi e do estaleiro de desmonte naval em Vila Velha.

10º: *O turismo (do turismo de massa ao turismo de elite)* – quem (quantidade e qualidade) realmente se beneficiou com o despertar do turismo litorâneo capixaba? Basta lembrar as inúmeras controvérsias: turismo popular ou turismo seletivo; o que fazer com os “farofeiros”; balneabilidade das praias capixabas; como acreditar que a “Cidade Saúde” não tenha ainda um Centro Internacional de Talassoterapia; que tipo de “eventos” ligados ao mar organizar e realizar no ES (congressos – seminários – férias – competições esportivas); projetos de recifes artificiais marinhos; formação dos profissionais do turismo.

11º: *A Maricultura* – mitilicultura, ostreicultura, carcinicultura, mas também aquíicultura, são atividades extremamente exigentes (particularmente em termos de pureza bacteriana), totalmente incompatíveis com outras modalidades de uso do solo litorâneo e, portanto, que requerem um basta às tergiversações demagógicas e, com muita coragem, exigem uma escolha, uma opção, uma decisão.

12º: *A urbanização à beira-mar* – curiosamente, Vitória dá as costas para o mar, tanto do ponto de vista do urbanismo quanto da arquitetura: o caso do projeto original do Shopping Vitória é extremamente revelador.

As mais graves alterações do PDU ocorrem sempre em área à beira-mar: ver, por exemplo, os casos escandalosos na Praia do Canto ou em Jardim da Penha, em Vitória. O caso mais recente e talvez mais rumoroso seja o Morro do Cruzeiro, na Praia do Canto, em Vitória, mais conhecido como Chácara Von Schilgen.

## V. Medidas mitigadoras

A PRESENÇA HUMANA NUM DETERMINADO ESPAÇO se traduz pela artificialização do meio. Trata-se de uma presença implicitamente impactante. Na sua busca de uma adaptação satisfatória, o homem pode se precaver maximizando o princípio de “precaução” e adotando uma lista de medidas mitigadoras dentro das quais podemos destacar as seguintes:

### *a) Áreas protegidas*

A ONU declarou “patrimônio da humanidade” a Mata Atlântica e os Ecossistemas Associados (mata de planície costeira, mata de tabuleiros, manguezais, vegetação de restinga).

A Constituição Federal de 1988 e posteriormente a Constituição Estadual colocam explicitamente em destaque a “Zona Costeira”, considerada como “Patrimônio Nacional”.

Nesse contexto favorável e no intuito de preservar ao máximo possível esse patrimônio, os legisladores criaram as “Unidades de Conservação” (em nível federal, estadual, municipal, particular): reservas; parques; APA. Desde o Parque de Itaúnas até a Área de Proteção Ambiental da Lagoa Sete Pontas passando pelo Parque Paulo Vinha, Setiba, Comboios, Jacaranema, os exemplos começam a ser relativamente significativos. Infelizmente, devemos deplorar o fracasso na tramitação da proposta de criação de um Parque Marinho na região de Santa Cruz.

### *b) Tombamento*

O Conselho Estadual de Cultura do ES inscreveu no Livro do Tombo numerosos elementos da zona costeira: dunas, igrejas, residências, casas da Câmara, cadeias, ilhas, montes, restingas, matas.

c) *Zoneamento geoambiental do litoral capixaba.*

d) Educação ambiental na Estação de Biologia Marinha de Santa Cruz; na Estação da Ponta das Flecheiras; no projeto Tamar (Regência, Itaúnas). Junto com as pesquisas institucionais, as atividades desses organismos ajudam a pensar em termos de capacidade de suporte de cada trecho do litoral capixaba e assim incluí-lo num programa de desenvolvimento durável.

### Conclusão

CONJUNTO DE TERRAS POSSUINDO UMA FACHADA marítima, uma afinidade, uma sensibilidade e com suas atividades principais ligadas ao mundo marítimo, para muita gente, o litoral é um verdadeiro “presente de gregos” (como o Cavalo de Tróia). Inutilmente, perguntam se deve ser considerado como um privilégio ou como um entrave; se ele favorece ou dificulta; se beneficia ou prejudica. Para desencorajar os que lutam em defesa do litoral capixaba, ampliam-se os sentimentos de fracasso, frustração, traumatismo, impotência, humilhação e isolamento, bem como se cultivam diversões (por exemplo, opondo quem combate em favor da ecologia e os que combatem em favor do social). O desenvolvimento e o ambiente não apenas são compatíveis, mas indissociáveis, necessários um ao outro! Não existe antagonismo entre um desenvolvimento dinâmico e durável e a preservação ambiental.

Um autêntico cidadão, consciente e responsável, lúcido, deve garantir sua participação na política do seu município, desempenhando permanentemente os papéis de fiscal, de assessor, de consultor, manifestando sua vontade, seu desejo de ordenar, proteger e valorizar, e sua idéia de socialização da zona costeira, isto é, a exploração das riquezas da zona costeira em benefício de todos.

A geografia tem a imensa responsabilidade de favorecer o surgimento dessa nova mentalidade que é a MARITIMIDADE e o dever de contribuir para sua expansão. A prática da geografia, dentro de uma educação não-formal, deve promover a rebeldia e a militância, o estímulo, a motivação, a mobilização, o envolvimento, o engajamento, o comprometimento, procurando o melhor caminho entre o “possível” e o “desejável”.

“A geografia não é a ciência dos homens; é a ciência dos lugares”. (Paul Vidal de la Blache)



## Referências bibliográficas

- AFONSO, Cíntia Maria. *Uso e ocupação do solo na zona costeira do estado de São Paulo* – Uma análise ambiental. São Paulo: Annablume: FAPESP, 1999.
- BODIGUEL, Maryvonne. *Le Littoral: entre nature et politique*. Paris: L'Harmattan, 1997.
- COLLOQUE DE CAEN (ACTES DU). *Littoraux: entre environnement et aménagement*. Caen: PUC, 1997.
- COMISSÃO COORDENADORA DO RELATÓRIO ESTADUAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (ES – Eco 92). *Meio Ambiente e Desenvolvimento no Espírito Santo*. Vitória: sem edit., 1991.
- CORBIN, Alain. *O território do vazio – A praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GOVERNO DO ESTADO DO ES / SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA / CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA. Catálogo de Bens Culturais tombados no Espírito Santo. Vitória: DEC, s.d.
- MIOSSEC, Alain. *Les littoraux entre nature et aménagement*. Paris: SEDES, 1998.
- MOURÃO, Benedictus Mário. *Medicina talássica*. Brasília: DNP, CPRM, 1998.
- PÉRON, Françoise et RIEUCAU, Jean. *La Maritimité aujourd'hui*. Paris: L'Harmattan, 1996.
- PONCET, Dominique. *Sol e Água do Mar*. Lisboa / São Paulo: Verbo, 1980.
- PRIOLLAUD, Nicole. *Thalassothérapie*. Paris: Hachette, 1988.
- SILVA, Ana Lúcia Gonçalves da. *Turismo e Saúde*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1994.
- SILVA, Julieta Salles Vianna da. *Água de lastro e bioinvasão*. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2004.

## Nota

<sup>1</sup> Conforme as políticas federais em relação a Barra do Riacho (ES) e Sepetiba (RJ).

JEAN-LOUIS BOUDOU

Doutor em Geografia Aplicada pela Universidade de Franzburgo (França)  
Pesquisa em andamento: "Cidadania e Maritimidade no litoral de Aracruz"

depgeo@npd.ufes.br